



## EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,  
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Existem momentos na vida que, dada a sua singularidade, beleza e fascínio, são únicos e irrepetíveis, momentos que, mais que para guardar em caixas de recordações ou até mesmo numa selfie ou fotografia que, na maior parte das vezes, só nos rouba a possibilidade de vivermos presencial e totalmente o momento, fazendo-nos experimentá-los via câmara de telemóvel, são oportunidades e vivências que nos transportam até outras realidades onde sentimos e somos tocados pelo encanto do encontrado, pela transcendência do que se deixou encontrar. Há esperas que vão muito para além de um mero exercício de paciência que, mesmo que o desejado e aguardado se demore, a expectativa é já princípio de felicidade: antes do encontro já começamos a ser felizes!

Acontecem encontros, tantas vezes inesperados, em momentos e ocasiões altamente surpreendentes, em horas jamais pensadas e em realidades tidas como banais e, não poucas vezes, acabamos por apercebermo-nos de que aconteceu encontro quando ele é já um passado mais ou menos longínquo.

Para quem se quer deixar encontrar, mesmo não sabendo dia ou hora, nunca falta, nem pode faltar na almotolia da vida, o “azeite” do essencial, aquela opção que tudo torna possível, que tudo faz alcançar, aquele essencial que possibilita e minha paciência enquanto espera activa, que me desinstala, desacomoda e faz-me manter acesa a torcida “que ainda fumega”, porque inspirada pela verdadeira sabedoria que ensina a discernir, aquela sabedoria que não conquista diplomas mas capacita a vida, que não busca valores mas é o valor em si mesma e nos é dada como dom.

Há quem arrisque a espera, correndo o risco da mesma e, embora possa “passar pelas brasas”, sabe tornar-se e ser “azeite” que faz com que a chama nunca se apague mas se apegue! Há esperas que, pelo exercício da sabedoria e pela certeza da própria vida, transformam quem espera em lamparina, capaz de iluminar quem já na espera desespera ou deixado de acreditar que há encontros que não são apenas possíveis mas, em boa verdade, inevitáveis.

Mas há também quem prefira dormir, aproveitando o escuro e o silêncio da noite, quem tome a decisão de não andar carregado de “azeite” nem carregando “azeite”, fiando-se no pouco que tem e, talvez, no pouco que é, contentando-se com a mediocridade de opções e escolhas que já deram o que tinham a dar, iludindo-se com a demora de quem já deixou de esperar e desculpando-se com a frustração de quem perdeu a esperança de deixar-se encontrar. Pior que não ter “azeite” e não querer carregá-lo é fiar-se no “azeite” dos outros, vivendo à conta da sua claridade: o tempo da espera é igual para todos, o que muda é a forma de esperar e a prioridade que é dada ao esperado.

E depois... “foi mesmo Nosso Senhor que estava ali...”; “foi Nosso Senhor que pôs a mão”, e afins! Pena que só damos por Ele depois: houve encontro mas não nos deixamos encontrar! Fomos encontrados mas não nos deixamos achar!

“Vigiar” não é, de todo, despontar medos ou receios, viver atrofiado com a certeza de um momento, humanamente fatal, vivendo acorrentado e atormentado com “infernos” que apenas existem em mentes onde falta a sabedoria do amor e da misericórdia, onde o “azeite” da vida em vez de iluminar se transformou em nuvens escuras por onde o sol da esperança não passa, pelo contrário, “vigiar” é saber-me procurado, eternamente amado e encontrado por Quem é o “azeite” da minha almotolia; É saber que, mais dia menos dia, vou ser encontrado e a minha história mudará para sempre.

# afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

## PALAVRA COM VIDA

### XXXII DOMINGO DO TEMPO COMUM

#### Ano A

##### 1ª Leitura Sabedoria 6,12-16

«A Sabedoria faz-se encontrar aos que a procuram»

##### 2ª Leitura 1 Tessalonicenses 3,13-18

«Deus levará com Jesus os que em Jesus tiverem morrido»

##### Evangelho São Mateus 25,1-13

«Aí vem o Esposo: ide ao seu encontro»

As Leituras deste 32º Domingo do Tempo Comum convidam-nos à vigilância. Elas recordam-nos que a segunda vinda do Senhor Jesus está no horizonte final da história humana; devemos, portanto, caminhar pela vida, e na vida, sempre atentos ao Senhor que vem e com o coração preparado para o acolher.

Na segunda leitura, S. Paulo garante aos cristãos de Tessalónica que Cristo virá de novo para concluir a história humana e para inaugurar a realidade do mundo definitivo; todo aquele que tiver aderido a Jesus e se tiver identificado com Ele irá ao encon-



tro do Senhor e permanecerá com Ele para sempre.

No Evangelho, é-nos lembrado que “estar preparado” para acolher o Senhor que vem significa viver dia a dia na fidelidade à Palavra de Jesus e comprometidos com os valores do Reino. Com o exemplo das cinco jovens “insensatas” que não levaram azeite suficiente para manter as suas lâmpadas acesas enquanto esperavam a chegada

do noivo, somos avisados que só os valores do Evangelho nos asseguram a participação no banquete do Reino.

A história das jovens “insensatas” que se esqueceram do essencial faz-nos pensar na questão das prioridades: É fácil irmos “na onda”, preocuparmo-nos com o imediato, o visível, o efémero, como o dinheiro, o poder, a influência, a imagem, o êxito, a beleza, os triunfos humanos, e negligenciarmos os valores autênticos. O objectivo desta catequese de Mateus não é dizer-nos que, se não nos portarmos bem, Deus nos castiga com o inferno, mas é alertar-nos para a seriedade com que devemos avaliar as nossas opções, de forma a não perdermos oportunidades para nos realizarmos e para chegarmos à felicidade plena e definitiva.

A primeira leitura apresenta-nos a “sabedoria”, dom gratuito e incondicional de Deus para o homem. É um caso paradigmático da forma como Deus se preocupa com a felicidade do homem e põe à disposição dos seus filhos a fonte de onde jorra a vida definitiva. Ao homem resta estar atento, vigilante e disponível para acolher, em cada instante, a vida e a salvação que Deus lhe oferece.

## SABIAS QUE...



... termina hoje, Domingo dia 8 de Novembro, em todo o país, a Semana dos Seminários?

Na sequência da deliberação da 197.ª Assembleia da CEP (Conferência Episcopal Portuguesa) que aprovou a alteração da data da Semana dos Seminários, passando esta a ser celebrada do 31.º ao 32.º Domingo do Tempo Comum, neste ano de 2020, esta iniciativa decorreu de 1 a 8 de Novembro.

Cabendo a responsabilidade da dinamização e orientação desta semana à Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios, esta é uma semana que pretende, por um lado, congregar a oração da comunidade pelos Seminários, seminaristas e, também, por outro lado, abordar a temática da vocação sacerdotal num esforço de abertura e desmistificação daquelas que são as

vivências dos Seminários.

Em 2020, a palavra de Deus, do Evangelho de São Marcos, que inspira esta semana “Jesus chamou os que queria e foram ter com Ele” (Mc. 3,13) convida à reflexão sobre os dois principais e fundamentais aspectos da vocação: “o chamamento do Senhor e a resposta dos discípulos, confirmada pela decisão de ir ter com Ele”.

Se é certo que o “Mestre continua a chamar”, nos dias que correm, aqueles que se dispõem a ter a abertura para acolher o Seu chamamento com uma resposta positiva enfrentam desafios de uma dimensão que, anteriormente, não se verificavam, sobretudo num mundo que, cada vez mais, “promove o provisório e induz ao experimentalismo”, e no qual o sim à vida sacerdotal consubstancia-se como “uma opção de tal radicalidade” que “supõe uma fé capaz de arriscar, uma fé consciente de que é preciso deixar algumas pedras preciosas porque se encontrou o verdadeiro tesouro”.

Assim, e mesmo no término desta semana, será interessante olhar para os muitos conteúdos produzidos pelas diferentes dioceses portuguesas no âmbito desta Semana dos Seminários e, com eles, continuar a missão, que é de todos e de cada um, de evangelização do próximo e, nesta, o despertar de vocações entre os jovens que constituem o povo de Deus.

Fonte: [www.sites.ecclesia.pt/cvcm/](http://www.sites.ecclesia.pt/cvcm/) (Mensagem Para a Semana dos Seminários de 2020) e [www.conferenciaepiscopal.pt](http://www.conferenciaepiscopal.pt)



## POR CÁ

### Pastoral Juvenil dos Açores com nova imagem



Aproveitando o início da caminhada de preparação para a Jornada Mundial da Juventude – Lisboa 2023, bem como o arranque do Ano Pastoral, que na nossa Diocese ocorre no I Domingo do Advento, dia 29 do corrente, a Pastoral Juvenil revê a sua “imagem”, começando pelo “logótipo” identificativo que lança oficialmente e o torna público nesta edição de “Afetos”.

O novo “logo” do Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil é composto por 9 elementos, evocando as 9 ilhas que compõem a Diocese, assumindo cada um a cor de uma ilha. Estes elementos, no seu conjunto, e pela sua disposição reportam-nos à Cruz de Cristo, sinal maior da nossa fé e do nosso ser discípulos de Jesus: é Cruz,

é fundamento de comunhão e unidade e é à “sombra” desta que surge a “Pastoral Juvenil – Diocese de Angra”, numa alusão clara ao facto deste sector da Pastoral, como toda a acção de Igreja, nascerem da Cruz do Senhor e dele devem partir.

A grande e feliz notícia que a Pastoral Juvenil tem para partilhar com os jovens é, sem dúvida, a de um Deus que em Jesus, e na Cruz, Se entregou totalmente, no amor e por amor para que tivéssemos “vida e vida em abundância”. O mistério pascal de Jesus centra toda a vida da Igreja.

Para além da Cruz, a disposição dos diversos elementos evocam também um moinho de vento, de “velas” estendidas. Da mesma forma que as “velas” de um moinho giram com o vento, a acção pastoral junto dos jovens deve ser movida, inspirada e “soprada” pelo Espírito Santo de Deus que, na nossa Diocese, tem especial devoção e celebração.

A haste maior, na posição vertical, como que em forma de seta, aponta o Céu, não como um limite mas uma possibilidade, enquanto outra haste, à esquerda, caminha no mesmo sentido numa alusão a que, todos os caminhos devem levar ao centro, ao Céu – a Deus.

A concepção deste novo logótipo foi da Equipa Diocesana da Pastoral Juvenil.

Neste contexto de renovação da imagem do Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil, está a ser preparado um novo site, com diversas funcionalidades, bem como está a ser revisto a presença e imagem daquele Serviço nas diversas Redes Sociais.

## POR LÁ

### Papa pede respeito pelas indicações das autoridades políticas e de saúde

O Papa apelou esta semana ao respeito pelas indicações das autoridades políticas e de saúde para travar o avanço da pandemia de Covid-19, no dia em que as audiências gerais voltaram a decorrer sem peregrinos.

“Infelizmente tivemos de voltar a esta audiência na Biblioteca, para defender-nos dos contágios da Covid. Isso ensina-nos que temos de estar muito atentos às prescrições da autoridade, das autoridades políticas e sanitárias, para nos defendermos desta pandemia”, referiu Francisco, no início da iniciativa semanal, com transmissão online.

“Ofereçamos ao Senhor esta distância, por nós, pelo bem de todos, e pensemos, pensemos muito nos doentes, que já entram em hospitais como descartados”, acrescentou, falando de improviso.

O Papa deixou uma palavra de apreço pelo papel dos médicos, enfermeiros, voluntários, todos os que trabalham com os doentes, que “arriscam a vida e o fazem por amor, pela sua vocação, por amor ao próximo”.

“Rezemos por eles”, pediu.

Na sua catequese, o Papa destacou o “poder da oração”, a partir dos relatos dos Evangelhos sobre a vida de Jesus, retratado várias vezes a rezar em “lugares isolados”.

Francisco recomendou que os católicos rezem “com insistência”, aprofundando as “orações episódicas, que nascem da emoção de um momento”, o que exige disciplina e espaço para a “vida interior”.

“Sem vida interior tornamo-nos superficiais, agitados, ansiosos”, advertiu.



## ENTRE NÓS...

### “Existimos para Deus e para o próximo”



Desde cedo, despontou em mim um forte desejo de me consagrar a Deus pelo sacerdócio. Mas ao invés de desperdiçar estas linhas a falar de uma vocação incerta e em discernimento, sob o risco de não ser, de facto, o desígnio de Deus para mim, prefiro falar de algo mais apaixonante, igualmente pessoal, uma vocação certa e universal: a santidade!

Fascinavam-me as coisas de Deus que a minha avó me contava e a missa a que a minha mãe me levava em criança. Por isso, lembro-me de olhar para as imagens dos santos e pensar: “Será que as pessoas grandes sabem que estamos no mundo para sermos tão santos quanto os que veneramos? Ou pensarão que

servem só para enfeitar as igrejas e fazer umas rezas? Se não o pensam, vivem como se assim fosse.” Nunca me quis contentar com o “ser bonzinho”, “bom cidadão”, nem com qualquer outra expressão que pretenda esvaziar o sentido sobrenatural da radicalidade cristã. E sempre me entediou a possibilidade de viver uma vida “normal”. Penso na vida de Pier Giorgio Frassati, Carlo Acutis, Teresa de Calcutá e outros tão próximos de nós no tempo, que atestam a possibilidade da perfeição sobrenatural: a vivência total e autêntica do amor evangélico.

Existimos para Deus e para o próximo. Precisamos de um caminho de

genuína conversão e reforma interior. Sempre desejei o que acabo de descrever, mas, ao chegar à adolescência, o mundo fez-me propostas aliciadas. Nessas alturas, ou assumimos o que somos ou podemos ceder às facilidades e fazer “o que todos fazem”. E tive inúmeras vezes a sensação de ser cristão sozinho, um corpo estranho no mundo; é grande a tentação de sentirmos que estamos a perder alguma coisa por causa da nossa opção por Jesus. Renunciar não é fácil. Mas é por amor. Nessas horas reclinei-me no sacrário e... Raras vezes senti uma consolação ou esclarecimento imediatos. Mas sabia que era amado.

De facto, a santidade é urgente. Falamos muitos dos outros, criticamos o “sistema”, queremos alterar estruturas, mas não nos queremos mudar a nós próprios. Dizemos “as pessoas deviam ser misericordiosas”, mas deveríamos perguntar “tenho andado atento ao próximo?”. Há sempre margem para crescer no amor, e é nessa margem que podemos agir. De que nos servirá um mundo onde todos tenham pão e saúde, se não tivermos valores? Porém, se houver valores, mesmo que haja fome e doença, a vida valerá a pena. Precisamos de muito mais do que dos bens temporais, por mais importantes que sejam em certos aspetos. O fim

do homem é sobrenatural – é preciso dizê-lo. Deixemos o ativismo para outros. É hora de nos determinarmos pela santidade. Se a Igreja deixar o seu discurso transcendente de identidade cristã para se ficar pela defesa de valores humanos universais (que poderiam ser defendidos por qualquer um), o que é que tem para nos oferecer de diferente? Qual é a alternativa à cultura pseudo-humanista? Se esvaziarmos o substrato sobrenatural que permeia a realidade, esgotamos o verdadeiro sentido da solidariedade, bondade, igualdade, as quais ficam vulneráveis ao rapto ideológico. Precisamos de voltar a falar de salvação, de conversão e de Jesus, ou condenamo-nos ao vácuo existencial de ignorar o amor de um Deus que nos ama tanto. Só o amor nos pode transformar, e é para contagiar os outros com este amor em descoberta que quero ser padre.

Pois, então, seja a santidade a nossa mais ardente aspiração, o amor o nosso objetivo, o céu a nossa meta. Caminhemos juntos rumo à santidade, cada dia mais perto da felicidade plena e definitiva em Deus!

Afonso Silveira, 19 anos  
Ano Propedêutico  
– Seminário de Angra